

VOTE EM CONSCIÊNCIA

PELA DEMOCRACIA

PELO PROGRESSO

PELA PAZ SOCIAL

PELA LIBERDADE

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: \$500)

N.º 754

ANO XXVII

29/11/1979

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barres

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA

Telef. 6 25 36

LOULÉ

A Voz de LOULÉ

Faz anos

no «Dia da Independência Nacional»

Não foi por mero acaso que «A Voz de Loulé» viu, pela primeira vez, a luz da publicidade no dia 1.º de Dezembro.

Foi uma data escolhida por nós porque desde muito novos nos habituámos a amar Portugal e a sua integridade territorial.

Já se passaram 27 anos e hoje, que de novo está em causa a independência nacional, orgulhamo-nos da data escolhida e proclamamos bem alto quanto é urgente que todos nos unamos em volta dum projecto de salvação nacional para que o dia 2 de Dezembro de 1979, seja o símbolo de um novo 1.º de Dezembro, porque hoje, tal como em 1640, é preciso, é urgente, expulsar do solo pátrio a cáfila de traidores que venderam as nossas províncias ultramarinas e nos quiseram fazer vassallos de Moscovo!

Porque são esses traidores que, em nome de falsas liberdades que nos prometiam, nada mais têm feito do que roubar, assaltar, destruir empresas, lojas, propriedades, oficinas, fábricas e até empregos, através de saneamentos selvagens.

Por isso, é necessário que o 2 de Dezembro seja o alvorecer dum Novo Portugal...

Para tal daremos o nosso modesto contributo, através duma informação honesta e esclarecedora, aproveitando a liberdade de imprensa que o 25 de Abril nos concedeu para clarificar problemas e não para os deturpar fanaticamente como tem sido timbre de certa imprensa.

E a prova mais evidente de que estamos no caminho certo é que são cada vez mais numerosos os que se unem a esta luta.
(Continua na pág. 10)

O 2 DE DEZEMBRO, «INÍCIO DO FIM»

Dois de Dezembro marcará o «início do fim»: objectivo da Revolução do 25 de Abril, que por desviado, se foi adiando, apagando, com todas as consequentes gravosas, processadas na evolução política da «Sociedade», ditando imperiosamente a sua definição, por meio das necessárias eleições intercalares, marcadas para o próximo dia 2 de Dezembro.

As forças partidárias em confronto, desenvolvem a sua acção de campanha eleitoral, tipo competitivo, agressiva, rija, dirigida ao eleitorado, com o fim de o aliciar ao voto no seu partido ou coligação político-partidária.

Dentre estas formações políticas, existem as mais ou menos agressivas, insultuosas, coerentes.
(Continua na pág. 9)

Movimento Cristão PRÓ-VOTO

Um grupo de Cristãos comprometidos com a sua Igreja, criaram um movimento de apoio ao voto eleitoral, com a única finalidade de evitar que o nosso País seja conduzido por uma ideologia política que combata o cristianismo.

Pretende-se, concretamente, apoiar a linha orientadora traçada pelos Bispos católicos, através dos seus oportunos comunicados.

Daí, todo o interesse que tem, a entrevista que a seguir publicaremos, concedida à Rádio Renascença pelo Dr. Alvaro Roquette, coordenador da Comissão Pró-Voto.

Temos na nossa presença o Dr. Alvaro Roquette, economista, presidente da Comissão Coordenadora do Movimento Cristão Pró-Voto, que nos vai explicar que tipo de movimento representa.
(Continua na pág. 5)

Mensagem do General Galvão de Melo

sobre as eleições intercalares

O General Galvão de Melo, candidato de Portugal e dos Portugueses às eleições presidenciais de 1981, militar íntegro e recto, entendeu dever lançar a sua mensagem, relativamente ao momento político que vivemos. São dele, as linhas que se seguem,

e que devem ser lidas e meditadas por todos os portugueses, pelo seu profundo conteúdo, que revela a análise ponderada de um Homem sério, capaz de conduzir os destinos de Portugal.

«O facto, decidido, de só votar...»
(Continua na pág. 2)

AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Vai funcionar, pela primeira vez, na Escola Secundária de Loulé, o serviço de Orientação Escolar, dependente do Instituto de Orientação Profissional.

Este serviço procura acompanhar a evolução e inserção dos alunos no campo escolar e familiar, de maneira a que eles tomem conhecimento das suas capacidades e aptidões para um futuro encaminhamento profissional.

Chama-se a atenção dos Encarregados de Educação, para o interesse de tal serviço inteiramente gratuito, e ao dispôr dos alunos, para o que devem contactar na referida Escola, a Licen-

ciada Irene dos Santos Baptista, com a referida especialização, a cujo cargo se encontra esse Gabinete.

JÁ É DE NOVO POSSÍVEL A CONFRATERNIZAÇÃO entre trabalhadores e empresários

(VER PÁGINA 7)

Comício da Aliança Democrática em Loulé foi um êxito retumbante

A marcha vitoriosa do Povo deste País, consubstanciada na Aliança Democrática, onde se incluem os sociais-democratas do PSD, os democratas cristãos do CDS, e os monárquicos do PPM, tem encontrado um eco extraordinário no Algarve, e muito particularmente em Loulé.

Na passada sexta-feira, dia 16 de Novembro, o Cine-Teatro Louletano assistiu a uma das maiores manifestações políticas de sempre, transbordando de assistentes em euforia, que vibraram com as palavras dos oradores, e deram a certeza a quem quer que tivesse dúvidas, de que a AD vai mesmo ganhar as eleições, vai mesmo governar este País, e vai mesmo mudar Portugal para melhor.

Depois do fracasso do PS, que não conseguiu sequer encher 3/4 da Plateia, na qual se incluíram umas boas dezenas de PSDs e

de APUs, e de toda a triste campanha que comunistas e socialistas têm levado a cabo em todo o concelho de Loulé, não conseguindo efectuar comícios por falta de assistência, e outros que se realizam com irrisório número de pessoas, a Aliança Democrática tem levado a cabo uma série de sessões de esclarecimento de
(Continua na pág. 10)

Esta subtilidade dos nossos governantes...

(PÁGINA 7)

COMO UM CAMINHO DE LOULÉ CHEGA AO PALÁCIO DE S. BENTO

Com o título acima, publicou o «conceituado» jornal «O Diário», um artigo onde se deturpa e esconde grande parte da verdade, só para denegrir Deputados do P.S.D. e Agricultores por serem da C.A.P.. Tratou-se, em boa verdade, de os Deputados de-

fenderem na Assembleia da República, um caso pessoal de um associado da C.A.P. que pretendia (com toda a justiça), construir na sua propriedade uma casa para apoio à sua exploração agrícola, sendo-lhe a mes-
(Continua na pág. 9)

Sem solução o problema da habitação?

Desde que este jornal existe que nos temos batido firme e insistentemente para que se procurem soluções para o sempre crescente problema da habitação.

Por isso foi com redobrada alegria que, após o 25 de Abril, ouvimos da boca dos governantes (e principalmente dos aspirantes a governantes) que queriam dar ao povo português: Pão, Paz, Habitação, Educação, etc., etc..

Mas o problema da habitação

é sem dúvida parte fundamental da felicidade dos povos, porque quem tiver uma casa com um mínimo das comodidades, já tem meio caminho andado para se sentir feliz, pois é prova evidente do poder económico que teve para a comprar ou alugar.

Em Loulé, como aliás por todo o País, este problema tem sido infelizmente rão descurado

que Portugal é, ainda hoje, e infelizmente, (parece que cada vez mais) um dos mais atrasados países da Europa Ocidental.

Mas interessa-nos especialmente o caso de Loulé, onde, ao longo de tantos anos, tudo se fez para travar o desenvolvimento urbanístico da nossa terra. E tanto assim que ainda está bem pre-
(Continua na pág. 3)

VOTAR É UM DEVER QUE TODO O CIDADÃO CONSCIENTE NÃO DEVE FURTAR-SE

MENSAGEM

do General Galvão de Melo

(continuação da pág. 1)

tar às lides políticas, oficialmente, quando fôr chegado o tempo da próxima eleição presidencial, não quer dizer que, para já, tenha preferido o repouso consequente do afastamento. Como sempre, a luta é e será sem tréguas até que os inimigos de Portugal sejam afastados das posições que vêm ocupando com intolerável prejuízo económico e moral da Nação.

Por isto aqui estou a escrever a todos os portugueses: aos homens como às mulheres; à juventude como aos de mais idade; aos dirigentes igual que aos operários; aos que desde o berço aqui têm vivido como aqueles que a traição obrigou a deixar as terras quentes de África e do saudo oriente. Aos militares, que são servidores da Pátria, do mesmo modo que aos sacerdotes que são servos de Deus. Enfim, a todos os que, embora seguindo doutrinas diferentes, procuram o mesmo objectivo: Portugal!

Uma vez mais o destino da Pátria Portuguesa vai ser posto à prova através eleição para a Assembleia da República. Por esse acto, entre todos solene e grave, os portugueses poderão viver a oportunidade de escolher, e impôr aos que lhes são contrários, o futuro que mais convém à Nação.

A luta já começou: desesperadamente para alguns; esperançosamente para todos aqueles que, por palavras e actos, começam a distanciar-se da querela partidária preocupados no todo nacional.

Nas democracias consolidadas pelo tempo e esclarecidas por numerosas derrotas e vitórias, nas quais os problemas eleitorais postos à consciência de cada qual apenas exigem optar por caminhos mais à direita ou mais à esquerda; predominantemente conservadores ou essencialmente progressistas, fácil é ao cidadão adoptar determinado partido. Até porque não lhe saíndo a contento pode corrigir na vez seguinte. Entre nós, ao menos por enquanto, é diferente: nem a democracia tem raízes fundas, nem o eleitorado possui experiência. Por outro lado os portugueses, ao votar, têm de ter presente que o que está em causa é saber se vamos continuar os portugueses que sempre fomos, ou vamos eleger quem depois nos forçará a suportar jugo estranho. O que está em dúvida não é votar à direita ou à esquerda, o que deve preocupar os portugueses é saber se o partido a que vão dar o seu apoio está apostado em defender os nossos interesses ou é partido cujos chefes obedecem e servem o imperialismo que, de além fronteiras, às claras ou disfarçado, quer apoderar-se de Portugal depois de, sistematicamente, o haver enfraquecido.

Deixemo-nos de medos e de soluções de compromisso hipócritas: o partido comunista não é um partido português. O partido comunista é uma organização

cujos dirigentes locais estão de pensamento e coração — mas sem alma porque o negam — com Moscovo contra a Pátria onde nasceram. Esta é a verdade que todos devem não esquecer quando forem votar nas próximas eleições: nas próximas e em todas as que se seguirem.

O partido comunista desviou e desacreditou a revolução que, em 25 de Abril de 74, por um momento, encheu de esperança os corações emocionados dos portugueses. E este matar de esperança, que era sincera e desejada, foi a primeira traição, da longa série de traições, durante cinco anos praticadas pelos chefes comunistas locais em cumprimento de ordens do Kremlin. Durante cinco anos, em permanente desobediência à lei, usando de mentiras e das espingardas, os chefes comunistas tudo têm tentado para destruir a moral e o moral dos portugueses, tal como entre tanto destruíram o Ultramar; destruíram a economia; destruíram a Tradição; destruíram a disciplina militar; destruíram a imagem da Justiça e da Autoridade como têm destruído as Forças ao serviço de justiça e da autoridade. Pior que tudo destruíram a juventude alogando-a em mentiras, em drogas, em vícios de toda a ordem. Imobilizaram essa mesma juventude recusando-lhe a escola. Esta tem sido a intenção desesperada e sinistra dos dirigentes comunistas em Portugal: destruir para enfraquecer; enfraquecer para dominar. Haverá alguém que, sendo de facto português, ainda duvide? Mas, o mais grave, é verificar que enquanto os inimigos de Portugal têm laborado na sua obra de aniquilamento, a nós cabe, também, grande culpa na medida em que o consentimos. Porquê nove milhões não impõem, sem reservas o seu querer a alguns milhares?

Depois de se ter apoderado da própria revolução, o partido comunista anulou o 28 de Setembro servindo-se de traidores que foram presidentes e ministros; montou a farsa do 11 de Março para afastar partidos, amedrontar o Povo, tentar a ditadura. Inventou o «documento dos nove» que foi desvio de caminho sem desvio de objectivo. Invadiu a Assembleia da República e, poucos dias depois, desencadeou os acontecimentos de 25 de Novembro com vista a desmobilizar a Nação e lançar o presidente que lhes convinha, o qual facilmente foi aceite com geral «agradecimento» dos maus e bons portugueses!

O partido comunista não é português nem está interessado no Povo português senão enquanto a boa fé deste lhe servir de esteio à penetração imperialista do Kremlin.

É esta a verdade simples, evidente para quem não fôr cego, mas trágica, que os portugueses não podem esquecer no acto de votar: o partido comunista não é português mas anti-português; o

partido comunista não é democrático mas tirânico; nem democratizante como o actual Presidente o qualificou durante a visita a França.

Contra palavras de mentira temos, todos os dias, factos verdadeiros. Quantos fogem do ocidente livre a buscar refúgio no mundo fechado dos comunistas? — Nenhuns.

Quantos fogem da tirania comunista a buscar paz e dignidade e pão no mundo livre do ocidente? — Milhares, milhões, todos os que podem sempre que podem. Será que depois de tantos anos ainda restam dúvidas?

Enquanto o inimigo comum — o único — está tentando arrancar os alicerces do Portugal europeu — do mesmo modo que cortou as fundas raízes do Portugal africano — porquê os partidos políticos, de direito e de facto portugueses, lutam entre si discutindo sobre o futuro da Terra que foi nossa mas não o é de momento? Acaso não é do conhecimento dos democratas-cristãos; dos social-democratas e dos socialistas livres que, sempre e em toda a parte, onde a tirania comunista se apoderou do destino de pequenos povos, vergando-os e sujeitando-os aos seus propósitos de domínio mundial, o tem conseguido menos por força própria que pela fraqueza daqueles que dispersaram os seus poderes quando deviam concentrá-los? Mas tudo isto foi sonho e foi pesadelo de passado recente de que, por felicidade, começamos a acordar.

Agora que os portugueses começam a dar-se conta dos sucessivos logros em que os têm feito cair; que a coragem retoma o lugar do medo; que a recuperação moral é preocupação de muitos; que a tradição é, como sempre foi, alicerce do orgulho de ser português; que a disciplina voltou aos quartéis para tranquilidade de todos e honra dos militares; que a justiça retoma prestígio pela firmeza de magistrados que nunca cederam à ameaça sordida; que as forças da ordem voltam a ter consciência de quanto é nobre a sua missão de guardas da lei; que a juventude, como em todos os tempos, se recupera a si própria, expondo simultaneamente, por efeito dinâmico da sua natureza saudável, forte e generosa; agora que a Nação, no seu todo, começa a renascer do caos pela força incontida de um atavismo quase milenário, eu lembro aos homens e mulheres deste belo e soaiteiro País que é grave obrigação de todos nós estar presentes e votar nas próximas eleições.

Não ir às urnas é recusar participar no destino nacional; é desprezar a Pátria; é desprezar a Nação; é desprezar-se a si e é desinteressar-se do que poderá vir a acontecer aos filhos, é, em suma, pactuar com o inimigo deixando-o livre. Não ir, conscientemente, às urnas é como não ir à guerra, é desertar.

Votar é tão necessário e nobre em tempo de paz, como necessário e nobre é combater, de armas na mão, em tempo de guerra. Votar é afirmar-se livre.

ROCHA, LIMITADA

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada no dia 10 deste mês de folhas 51 a folhas 53, v. do Livro n.º A-60 de Notas para Escrituras Diversas, do Cartório acima indicado, o sócio da sociedade por quotas de responsabilidade limitada com sede na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, que gira sob a firma de «Rocha & Matias, Lda.», José Soares Matias, cedeu a quota que possuía de 150 000\$00, a Maria de la Concepcion Bachilier de Torres, pelo preço de vinte mil escudos e em consequência sai da sociedade e renuncia à gerência que na mesma vinha exercendo;

Que pelos actuais e únicos sócios da aludida sociedade Amadeu Gil da Rocha e Maria de la Concepcion Bachilier de Torres, foi alterado o artigo 1.º e o n.º 2 do artigo sexto do pacto social que passam a ter a seguinte redacção:

Artigo 1.º — A sociedade adopta a firma «Rocha, Limitada» e tem a sua sede e principal estabelecimento no centro comercial Aparthotel

Quarteirasol, no rés-do-chão sem número de polícia, na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, podendo estabelecer delegações e sucursais que entender e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

Artigo 6.º — 2.º. A sociedade obriga-se com a assinatura do sócio gerente Amadeu Gil da Rocha, ou seus procuradores, salvo quanto aos actos de mero expediente em relação aos quais basta a assinatura de qualquer gerente.

Está conforme. Secretaria Notarial de Loulé, 12 de Outubro de 1979.

O terceiro ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

AMENDOEIRAS

Prontas a plantar. Vende: Eduardo Lisboa Correia — Patá - Boliqueime, Tel. 66104.

CASA

Vendem-se 2 casas com 20.000 m2 de terreno para semear. Dependências agrícolas, árvores de fruto e sequeiro. Tem água e luz.

Nesta redacção se informa. (6-2)

A QUALIDADE QUE VOCÊ EXIGE

está agora ao seu alcance

Galerias Pinto Gago, Lda.

Um novo estabelecimento ao serviço do BOM GOSTO DECORATIVO

ESPECIALIZDA EM:

Móveis Clássicos * Mobiliário de Jardim * Grande diversidade em Móveis de Bambú * Tapeçarias Decorativas * Carpetes de Arraiolos Candeieiros * etc.

TUDO PARA O SEU LAR

Nas Galerias PINTO GAGO, LDA.

Vale da Venda - Telef. 28588 - Estrada 125 - FARO (6-3)

APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA. TRATAR COM CONCEIÇÃO FARRAJOTA, RUA D. AFONSO III - R/C, Fte. — QUARTEIRA, OU PELO TELEF. 65852 (das 20-22 h.).

(6-2)

VENDE-SE

Propriedade bem situada em Alcantil. Tratar pelo Telef. 62979.

QUINTAROLA

Tomo de arrendamento com garantia de próxima compra. Que seja local tranquilo, que tenha casa boa e fique situada na zona Loulé-S. Bartolomeu-Faro. Descrição e preços mínimos a Fernando Azinhal, Rua Afonso Albuquerque, 39 — Coimbra.

QUARTEIRATUR

AGÊNCIA IMOBILIÁRIA E TURÍSTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE APARTAMENTOS — MORADIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

(26-19)

Sem solução o problema da habitação?

(continuação da pág. 1)
sente na memória de todos nós as dezenas de louletanos que tiveram de empregar o seu dinheiro em compra de andares em Faro, Cova da Piedade, Almada, etc., etc., por não conseguirem comprar terreno em Loulé para construir casas de rendimento e que atenuasse as carências já nessa altura existentes.

umas vezes por culpa dos donos dos terrenos que egoístas e teimosamente recusavam dar qualquer contributo para o desenvolvimento local, outras vezes por inépcia e ausência de coragem de câmaras que nunca quiseram tomar uma atitude de firmeza para tentar resolver esses problemas, e outras ainda por evidente falta de imaginação que lhes permitisse verem para além do dia de hoje. E a tal ponto se pretendeu cinicamente travar o desenvolvimento local que há cerca de 12 anos, se soube que um vereador da Câmara de Loulé se manifestou «muito interessado» em comprar uma propriedade nos arredores de Loulé para a Escola Técnica e dirigiu-se ao proprietário nestes termos: «Peça dinheiro, porque quanto mais pedir mais lhe dão». Claro que não houve acordo nenhum, tal a exorbitância pedida, pois a Escola fora do Perque poderia provocar um desenvolvimento urbanístico que não interessava nada a certos senhores desse tempo...

Agora, infelizmente, quase tudo continua na mesma ou talvez pior... porque não nos dão aquilo que tão simpaticamente nos prometeram como um direito indeleável do povo: o direito à habitação. Esquecem o presente e prometem para o futuro...

...E no futuro próximo continuará a haver falta de casas porque a Câmara socialista que nos tem administrado desde o 25 de Abril continua a agir exactamente como as suas antecessoras: travar, travar, travar quase tudo o que signifique progresso e bem estar para as populações de que se diz tão integerrima defensora. É uma situação muito paradoxal e que muito nos intriga e para a qual não pedimos explicações. Só o que queríamos era entender...

E queríamos entender porque razão se pratica dualidade de critérios consoante as pessoas que pedem autorização para construir. Será que a isso se chama DEMOCRACIA? Mas então que Democracia é essa que só dá para ver certos ângulos de cêrcea e se fecha os olhos para não se ver outros?

E apetece-nos perguntar: porque razão certas pessoas responsáveis se dão ao luxo de contrariarem as leis vigentes neste País para dizerem, com excesso de autoridade (que é característica dos ditadores) que não autorizam que na Avenida José da Costa Mealha se construam prédios com mais de 3 andares? Será que ignoram a ilegalidade da sua atitude? Não sabem que há leis neste país que regulamentam a construção e que, no caso da nossa ampla Avenida os prédios podem subir em função da cêrcea (45°), ou sejam 11 pisos?

E se se reconhece que 11 pisos são demais para a largura da Avenida porque não se impõe a condição de que, a partir de tantos andares o prédio tenha que recuar tantos centímetros por andar?

E se reconhece que não interessa encher a Avenida de grandes blocos habitacionais, porque se deixaram passar tantos anos em se expropriar a zona nordeste da vila para que aí, sim,

e finalmente, a nossa terra se pudesse expandir virada a um futuro de que é bem digna?

Porque razão se recusaram ofertas de terreno para o Palácio da Justiça aí, nessa área, apenas com a condição de se autorizar a urbanização da zona?

Porque razão se têm protelado por tantos e tantos anos a solução de problemas de vital importância para a nossa Vila como é o problema da habitação, que está travando o seu progresso económico e comercial, porque a vinda de mais e mais pessoas está sendo impedida por carência assustadora de casas?

E porque razão se põem tantas e tantas dificuldades para a construção de novas casas e depois se critica abertamente, em sessões públicas, os senhorios que pedem 15 contos por uma renda ou simplesmente mantêm as suas casas fechadas por saberem que não podem actualizar as rendas em função da galopante subida do custo de vida? E porque razão não se defendem os senhorios que recebem 100\$00 ou 200\$00 por uma renda que nem chega para comprar um quilo de carne ou peixe para um dia? E assim que se pretende criar uma sociedade mais justa, sem exploradores nem explorados?

Haverá por aí alguém que, tendo 2 dedos de testa não concorde que o alto preço das rendas é unicamente reflexo da tremenda carência de habitações com que nos debatemos? E assim sendo porque razão os projectos na Câmara de Loulé demorem tantos meses a ser aprovados uns, e outros o são mais rapidamente? Porque razão se trava o crescimento de prédios na Avenida, que o mesmo é impedir que se construam mais e melhores casas para que cada cidadão tenha o direito à habitação condizente com a sua condição de homem? Porque razão se prometem casas para todos os portugueses na década de 80 e agora se faz tudo para que se não construam? Será (só) a caça ao voto? E acham que depois de 5 anos de balbúrdia revolucionária as pessoas ainda vão em cantigas dos plenários?

A cetera «justificação» de que os prédios na Avenida não podem ser construídos por falta de aprovação do Plano de Urbanização não engana nem a gregos nem a troianos.

A lei geral do país é clara quando autoriza a construção de prédios em zonas já devidamente urbanizadas e onde, portanto, nenhuma Câmara pode impedir com a falsa justificação de que o plano geral não está aprovado.

Quem recorrer aos tribunais ganhará a acção porque aí prevalece a força da Lei, mas o recurso à justiça atrasa em 2 ou 3 anos a conclusão dum prédio, e isso é anti-económico para quem constrói e para quem precisa comprar e até para os interesses do País, que perde com a paralisação.

Tudo está subindo tão rapidamente que nada aconselha a esperar 3 anos pela solução de um problema desta natureza.

Dá a razão porque os interessados em construir preferem apelar para o bom senso de quem

tem, ainda, poderes para decidir acerca do futuro de Loulé.

E o mais curioso é que nem se pode dizer que o que esteja em causa seja o construir ou não mais andar ou menos andar.

O que é fundamental e revoltante é o sabermos de numerosos casos de pessoas que querem construir em Loulé e que o não fazem por culpa da Câmara de Loulé; ou porque demora, ou porque silêncio, ou porque recusa aprovar ou ainda porque os projectos se perdem inexplicavelmente...

Poderíamos até apontar numerosos casos concretos, mas não o fazemos porque as pessoas não querem comprometer-se... necessitando represálias ou mais demoras presentes ou futuras.

Faço ao exposto ficamos com o direito de pensar que há qualquer coisa por detrás disso que está impedindo que vários prédios já estivessem concluídos e habitados na Av. José da Costa Mealha em Loulé, satisfazendo carências afilivas de pessoas que precisam de casa para morar e não têm... por culpa da Câmara de Loulé.

A acumulação de tantos erros são argumentos muito válidos para que, nas próximas eleições vençam aqueles que a população considere os melhores para defenderem os seus reais interesses e não os interesses de grupos.

...Ah, porque se isso voltar a acontecer, então, todos nos consideraremos altamente traídos e desesperados e sem vontade de acreditar em quem quer que seja!

PROMOÇÃO TURÍSTICA DO ALGARVE

A função do agente de viagens é fundamental para o êxito de uma região turística. Daqui que se cifrem da maior importância os congressos e outros eventos realizados sob a égide das associações internacionais ou nacionais de agentes de viagens e de turismo no que concerne à promoção turística para obtenção de melhores índices de ocupação.

Dentro deste princípio a Comissão Regional de Turismo do Algarve participa em diferentes regiões do Globo em iniciativas que reúnem alguns milhares de agentes de viagens.

Assim no V Congresso da APAVT (Associação Portuguesa das Agências de Viagens e de Turismo), que decorre, de 21 a 25 de Novembro, paralelamente com a «BRASPOR» (I Feira Luso-Brasileira de Turismo), na cidade de Bania (Brasil) a CRTA esteve presente com um pavilhão e a participação do seu Presidente, dr. Ismael Ribeiro da Cunha, bem como da funcionária Isabel Oliveira. Cerca de um milhão de participantes estiveram presentes no Congresso e a «Braspor» que concretiza o projecto de «Portugal-Brasil — Rota do Turismo Mundial na década 80 — Brasil-Portugal» constituiu um bom veículo promocional.

De 18 a 22 do corrente teve lugar em Los Angeles (Estados Unidos da América) a Convenção Anual da ABTA (Associação dos Agentes de Viagens Britânicos), na qual participaram não só personalidades relacionadas com a in-

dústria turística da Grã-Bretanha, mas também dos países que a ela estão ligados. Portugal esteve presente com um pavilhão, no qual o Algarve marcou presença efectiva. A delegação da CRTA a este Congresso era constituída por Horácio Cavaco Guerreiro (membro da Comissão Administrativa) e João Lima Alegria (do sector de Relações Públicas).

Também em Bruxelas, no Expo Rogier Center, decorreu, de 23 a 25 de Novembro, a BTF 79 (Belgian Travel Fair), um dos mais importantes acontecimentos no mundo do turismo, com carácter estritamente profissional e uma presença de 10 mil participantes oriundos de 40 países, entre os quais Portugal, assim como de operadores turísticos de todo o mundo.

A Comissão Regional de Turismo do Algarve esteve presente com um stand no pavilhão de Portugal, deslocando-se a Bruxelas a funcionária Isabel Maria Antão.

VENDE-SE

Uma horta no sítio do Semino - Quarteira, com aproximadamente 7.000 m², com água, 500 laranjeiras e 50 pessegueiros.

Tratar com Joaquim Ângelo Guerreiro ou Gualdino Oliveira Guerreiro — Escanxinas — Almansil.

(5-5)

Em 1978 a Ford produziu mais de 85.000 Tractores e criou 17.305 técnicos.



Não basta ser apenas um dos maiores fabricantes de tractores do Mundo.

É necessário que o produto esteja apoiado em bons técnicos, na especialização e eficiência dos concessionários.

A Ford possui, na Europa, dez centros de treino especiais, onde são ministrados cursos de serviço e vendas a toda a organização de tractores Ford.

Só em 1978, 17.305 especialistas aumentaram os seus níveis de conhecimentos teóricos e práticos sobre tractores, em cursos que somaram 254.642 horas de treino intensivo.

Veja a linha de tractores Ford em 1979 no concessionário da sua área. E verifique Você próprio a satisfação que é negociar com profissionais competentes especializados pela Ford.

COMPRAM-SE TELHAS USADAS

Luselite ou Zinco

Contactar com José Alberto Gonçalves, Telef. n.º 65321.

CASA

Vende-se uma propriedade a 2 Km da vila, com casas de habitação e dependências agrícolas. Tem arvoredos de sequeiro e electricidade.

Nesta redacção se informa. (6-2)

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Telef. 62406

LOULÉ

TRACTORES FORD. UMA EQUIPA DE TRABALHADORES INCANSÁVEIS.

...COM MAIS DE 60 ANOS DE EXPERIÊNCIA.

FOMENTO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Largo de S. Luís - Telef. 23061/4
8000 FARO



Fazer ou não fazer uma casa

Ex.mo Sr.
Director de «A Voz de Loulé»
A propósito de um artigo intitulado «Deputados do PSD defendem agricultor louletano», publicado pelo vosso jornal em 4-10-79, cumpre-me dar alguns esclarecimentos e fazer algumas reflexões pessoais sobre o assunto em questão.

Diz o ponto 1 da transcrição feita do requerimento à Assembleia da República, que o sr. Manuel Coelho Mendes «conseguiu com o seu denodado esforço e dos seus familiares e à custa de muitas privações e sacrifícios, transformar a sua propriedade rústica...». Não me cabe a mim apreciar «os sacrifícios» do sr. citado, sobre os quais talvez muita coisa houvesse a dizer, mas cabe-me referir, a propósito, o enorme transtorno que a atitude desse sr. está a criar (ao qual já alguém com justa razão apelidou de Sr. Teimoso) ao impedir a construção da estrada prevista. Há pessoas de Quarteira que, esses sim, à custa de enormes sacrifícios, pretendem construir finalmente a sua casa e disso se vêm impedidos pela Câmara, devido aos interesses pessoais e individualistas dum agricultor que nem a Quarteira pode chamar a sua terra.

A propósito do ponto 3 do mesmo requerimento gostaria de fazer também uma pequena reflexão: quais serão as verdadeiras intenções dum sr. que pretende construir uma casa, que diz de apoio à lavoura, precisamente no sítio onde está prevista, de há muito, a passagem de uma estrada de que o próprio já foi informado? Mais ainda: acusa-se no artigo a existência dum casa já construída à beira da projectada estrada mas que «se desviou do seu traçado natural, para dar lugar a uma construção, autorizada não se sabe bem como, ou por que espécie de critérios se tapou um caminho tradi-

cional da passagem, que se encontrava no prosseguimento da estrada planeada e que agora faz parte da propriedade rústica do sr. Manuel Coelho Mendes? Com que espécie de critérios, quem sabe (?) com que pressões de toda a espécie, frequentes antes do 25 de Abril, o mesmo sr. conseguiu a venda de terrenos circunvizinhos à sua propriedade inicial relativamente pequena?

Convém analisar o passado, especialmente o nosso passado de ditadura pré-25 de Abril, para percebermos o presente, conseguido sabe-se lá como e com que critérios, à custa de ambições pessoais que, por vezes, não olham a meios para alcançar os seus fins, espezinhando quem se lhe oponha e sempre cobertas pela capa da injustiça apadrinhada pela administração salazarista. Alguém chamou a isto, e bem, uma TOURADA.

Sabe, por acaso, o sr. Manuel Coelho Mendes que é igual a qualquer cidadão português e que para efeitos da expropriação de utilidade pública, também a igualdade se mantém?

Sabe, por acaso o mesmo sr. que um número razoável de famílias, estão há mais de dois anos à espera de poder construir a sua habitação própria e que é fundamentalmente o sr. que se impede de construir? Não, não sabe. Não sabe porque o sr. (citado) criou o «hábito» de só pensar em si, na SUA ambição, nas SUAS riquezas, que diz serem suas à custa de «muitas privações e sacrifícios». Não sabe porque o mesmo sr. vive numa casa onde não chove lá dentro, onde pode dormir a noite sossegado, sentar-se no seu sofá recostado, vestir o seu pijama peludo afofado!!! É um SENHOR!!! (à custa dos outros, citado).

Sabem os Senhores Deputados do PSD (a que também pertence) de todos estes pequenos, mas reveladores aspectos, para se

apreciar do valor moral e jurídico do caso em questão e aventurarem-se a defender a sua causa? Quais as contrapartidas?

Sejam os coerentes conosco mesmos em primeiro lugar, com a objectividade e verdade dos factos em segundo, e com a igualdade a que todos os cidadãos têm direito em terceiro, e respeitemos o desejo da maioria daqueles que em nós votaram e dos quais somos apenas representantes nos órgãos de Soberania.

Se n' mais,

João Costa

Nota da Redacção — Não tivemos dúvidas em publicar esta carta porque aceitamos como válidas e verdadeiras algumas das afirmações nela contidas, mas devemos acrescentar que é muito esclarecedor o artigo que neste número publicamos acerca do controverso problema da construção da estrada de penetração em Quarteira.

Aí se diz que o sr. Mendes já concordava em ceder e que a Câmara não compareceu à reunião marcada.

Por isso se pergunta: quem tem maiores culpas?

CARTAS AO DIRECTOR

O NOSSO ALERTA

(Continuação)

Afastado assim o Governo Nobre da Costa, seguiu-se-lhe o do Prof. Mota Pinto que antes de tomar posse teve a coragem de declarar aos órgãos de informação que o seu governo cumpriria a lei doesee a quem doesse.

Esta afirmação de cumprir a lei, «doesee a quem doesse», era o suficiente para pôr em guarda o P. C., habituado como estava a violá-la permanentemente.

E pronto! o P. C. ergueu-se em guerra contra o Governo Mota Pinto antes deste tomar posse.

Nenhum mal lhe tinha feito o Governo Mota Pinto, mas a declaração de fazer cumprir a lei, doesse a quem doesse, foi o suficiente para encrespar o PC que imediatamente abriu trincheiras e declarou-lhe guerra.

De novo se dá cumprimento à lei, ordenando-se a demarcação de reservas e entrega de propriedades. Fuz-se então a mobilização geral do P. C., que desta vez tem a acompanhá-lo a descoberto e com força, o P. S.

Abre-se na A. R. o côro comunista de mentiras contra o Governo Mota Pinto, e por todo o país a população é convidada à desobediência.

Para o Alentejo destacam-se membros do fundo de maneio do P. C., que incitam à desobediência à lei, e declara-se Mota Pinto um reaccionário ao serviço da direita, um «corrupto» e que usa da violência e da ilegalidade contra os trabalhadores que por ele são perseguidos para lhes arrancar as conquistas irreversíveis da Revolução.

O Governo Mota Pinto aguenta-se galhardamente, sem violência nem ameaças, e vai cumprindo a lei.

O P. S. não quer então ficar por menos que o seu irmão P. C. e apresenta na A. R. a moção de censura que pelos dois, formando maioria, é aprovada.

O Governo Mota Pinto pede a demissão por se sentir também desamparado pelo P. R., que por erro político começa a lançar as vistas por outra área que satisficasse os seus secretos planos.

Contra a opinião geral, o P. R. aceita para substituir o Prof. Mota Pinto a Eng.ª Maria de Lurdes Pintassilgo que as esquerdas, comunistas e socialistas, têm, para consigo mesmos, como pessoa política do seu matiz. E ficam contentes porque o Governo desta não os impedirá de violar a

Há quem se preocupe com as doenças das abelhas

No passado dia 6 teve lugar em Faro uma sessão de educação sanitária sobre doenças das abelhas, promovida pela Direcção-Geral dos Serviços Veterinários em colaboração com a Direcção Regional de Agricultura do Algarve.

Presentes, além de técnicos sanitários de todas as Regiões do País, os Eng.ªs Cassola de Sousa, da Direcção-Geral de Gestão Florestal, e Rosário Nunes, do Centro de Zoologia do M. E., o Professor Abreu Lopes, da Escola Superior de Medicina Veterinária e técnicos dos Serviços de Sanidade dos Serviços Veterinários.

Na sala encontravam-se bastantes apicultores, alguns vindos do Alentejo.

Foi palestrante o Dr. Mário Teixeira que, com o auxílio de diapositivos, referiu a importância da apicultura no País e as

doenças mais importantes que podem atingir as abelhas, três das quais já diagnosticadas na nossa Província, onde têm causado prejuízos apreciáveis.

Seguidamente esclareceu sobre medidas preventivas e curativas que devem ser postas em prática, tendo sido distribuída uma brochura sobre o assunto e medicamentos para combate a uma das doenças.

Esta sessão teve extraordinária participação de muitos presentes, técnicos e apicultores, que mantiveram animada discussão acerca dos problemas sanitários e económicos da apicultura.

Ainda bem que neste país já há quem tenha vagar para se preocupar com as laboriosas fabricantes desse delicioso e precioso néctar que se chama mel.

Ainda bem.

GOLF

Final do «State Express Golf Challenge» disputou-se na Penina (Algarve)

Nos magníficos relvados da Penina, no Algarve, disputou-se a final do «State Express Golf Challenge», importante competição golfista com ampla repercussão nos meios mundiais afectos à modalidade. Foi um precedente do maior interesse em que dos 850 Clubes de Golfe que disputaram a competição, de Março a fins de Outubro, foram apurados 26 clubes para final, com equipas constituídas por profissionais e amadores.

O total de prémios atingiu as £ 24 000 (cerca de 2 400 contos).

NASCIMENTO

No passado dia 23 de Outubro, teve o seu bom sucesso numa clínica em Lisboa, dando à luz uma criança de sexo feminino, a nossa conterrânea sr.ª D.ª A. Maria Rodrigues Laginha Ramos, Melo da Sampaio, médica no Hospital de Santa Maria, casada com o sr. José Ricardo Gervis Melo da Sampaio.

São avós maternos a sr.ª D. Maria Rodrigues Neto Ramos e o nosso presado assinante e amigo sr. António Laginha Ramos, sócio da firma Motolux Lda, desta via e avós paternos a sr.ª D. Manuela Gervis Melo da Sampaio e o sr. Abel de Melo da Sampaio.

A recém-nascida foi dado o nome de Isabel Cristina.

Aos felizes pais e avós endereçamos os nossos parabéns e votos de ridente futuro para o seu descendente.

o que define bem da importância da prova.

Para além da ocupação hoteleira motivada por esta realização, anote-se ainda o cunho promocional turístico que a mesma motivou e a plena confirmação das extraordinárias condições que o Algarve oferece como estância turística de todo o ano.

CANTINHO DOS LEITORES

Assim vai a vida!

Passam dias, passam anos
Mas a vida continua,
Continua para pior
Eis a verdade nua e crua.

Sobe a vida, tanto, tanto
Como o balão do Festival,
Cuidado Senhores Ministros!
Isto assim vai muito mal.

O balão tanto sobe,
Até lhe faltar o ar,
Mas depois, coitadinho
Tem mesmo que rebentar.

Todos dizem chegou a hora
Vamos ajudar os pobres,
Cada vez ajudam menos
Mas vão-lhes guardado os cobres.

Com esta subida da vida
Onde iremos nós parar?
Uns sobem outros descem
E nós temos que aguentar!

Teresa Lopes Viegas

(Aos 72 anos)

MOÇÃO

a) Os comunistas apoderaram-se da maior parte das propriedades alentejanas, bem como das colheitas então encontradas, do gado e das respectivas alfaias agrícolas.

Estas propriedades forneciam à Nação cerca de 700 mil toneladas de trigo anualmente, e agora fornecem somente 180 mil.

b) A nossa importação de trigo antes do roubo às propriedades privadas rondava as 300 mil toneladas; agora essa importação ronda as 800 mil toneladas.

c) Quando as propriedades se encontravam na posse dos seus titulares, eram estes que pagavam

as despesas com a lavoura; agora é o Estado português que paga tais despesas por meio de créditos de emergência que os parasitas não pagam ou, pelo menos, uma grande parte, não o faz.

d) Quando as propriedades se encontravam nas mãos dos seus titulares, eram estes que pagavam as contribuições; agora nenhum dos parasitas que as ocupam paga tais contribuições que ficam a cargo dos portugueses que gemem com esse encargo.

e) Nestas circunstâncias os signatários entendem que todos os portugueses devem negar-se a pagar as suas contribuições sem que os parasitas das O. C. P. e das U. C. P. e das Cooperativas paguem as contribuições das propriedades que retêm, e as que estão em dívida.

f) Os signatários, em nome de todos os prejudicados, acusam o Estado se continuar a fornecer crédito aos parasitas sem que primeiramente eles paguem os créditos em dívida e que lhes foram concedidos.

g) Se o Governo conceder novos créditos aos devedores U. C. P. e Cooperativas sem o prévio pagamento dos débitos destas entidades, pode contar com guerra aberta e sem tréguas de todos nós contribuintes que não estamos dispostos a arcar com as dívidas de parasitas saltadores.

Nós portugueses não podemos continuar a sustentar os parasitas que, com almoçadas pagas com os nossos dinheiros, entretem os seus amigos de Lisboa.

Vasco de Barros Queiroz
Alfredo Simões Travassos
António Neves Anacleto

Prepare-se com tempo para as Eleições

Se por qualquer motivo PERDEU o seu CARTÃO DE ELEITOR dirija-se já à sua Comissão Recenseadora para que lhe seja passada uma 2.ª via. No dia da eleição se não souber ainda o seu número de inscrição dirija-se à Junta de Freguesia que para o efeito abrirá nesse dia e aí será informado acerca desse número.

JÁ É DE NOVO POSSÍVEL a confraternização entre trabalhadores e empresários

Antes de 25 de Abril era vulgaríssimo ler-se na imprensa amplos relatos de festas de Natal que os empresários ofereciam aos seus empregados, e que eram especialmente feitas para lhes proporcionar momentos de agradável e festiva confraternização, visando não apenas aproximar quantos colaboravam na dinamização da Empresa, mas especialmente proporcionar aos seus filhos aqueles momentos de inocência, alegria que a imagem do Pai Natal sempre lhes proporcionava.

Nessa altura não havia greves, mas havia espírito de mútua colaboração entre empresários e empregados.

O ódio não era conhecido (ou pelo menos não notado) porque era latente a amizade entre os que colaboravam para a prosperidade das empresas.

A festa de Natal era, portanto, alegremente comemorada e a felicidade das crianças participantes contagiavam os pais agradecidos por verem que seus filhos eram alvo de atenções especiais e belas ofertas.

Depois do 25 de Abril essa confraternização deixou de ser possível, porque sementinhas de ódio geraram sementes de violência, incompreensão e intolerância.

Entretanto decorreram 5 anos e os espíritos já estão mais calmos, mais abertos ao diálogo.

Por isso já se pode pensar em reatar velhas e festivas tradições, reatar amizades e procurar novas fontes de convívio e alegria. Até já é possível uma confraternização entre trabalhadores e empresários.

Milagre de Natal?

Talvez. Até porque o Natal é a época propícia ao reencontro de velhas amizades, ao fraternal espírito de sã convivência e mútua tolerância, perante incompreensões ou ofensas que devem ser perdoadas.

E porque sabemos que tudo isto é verdade, temos a certeza que o Natal de 1979 vai ser uma festa diferente e que vai surgir aqui e ali, tentativas válidas de uma aproximação entre quantos dedicam a sua vida profissional a determinada actividade quer se trate de empresários ou trabalhadores.

As festas que já se preparam são disso testemunho, até porque, concretamente, já temos exemplos no nosso concelho: as empresas Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda., e Vale de Lobo, Lda., que acabam de divulgar os seus programas para a quadra festiva que se aproxima, e na qual os seus trabalhadores serão, de novo, alvo das atenções que merecem pelo seu valioso contributo na vida dessas empresas.

Naturalmente que as crianças serão as principais beneficiadas com os brinquedos que receberão, as guloseimas que lhes serão distribuídas, as festas que lhes serão dedicadas, o alegre convívio que lhes é proporcionado. E os pais poderão reconhecer que parte da sua contribuição para o lucro obtido pelas empresas onde trabalham lhes é assim destinado numa forma tão simpática, e que assim reatado um fraternal convívio após período revolucionariamente crítico que propositadamente

levou à ruína tantas firmas e lançou no desemprego tantos milhares de portugueses.

É desejável que exemplos desta natureza frutifiquem por todo o País para que a paz volte aos corações e a boa harmonia seja possível entre os que trabalham pela prosperidade dum país que é o nosso e onde temos que viver. Porque, em boa verdade, o que muito precisamos é de exemplos de solidariedade que dignifiquem o homem na sua ansia de uma sã e fraternal convivência.

E disso tem dado exemplos a empresa louletana Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda., cujos lucros anuais lhe tem permitido, não só ultrapassar constantemente as tabelas salariais acordadas, como ainda não desistiu (apesar da luta travada pelos Sindicatos para prejudicarem os trabalhadores) de continuar a premiar os que melhor cumprem a sua missão de zelar pelos interesses da empresa.

Federação Portuguesa de Andebol
fecha Associação de Faro

PORQUÊ?

Em comunicado enviado para a nossa redacção, a Associação de Andebol de Faro, tece severas críticas à Federação Portuguesa daquela modalidade, acusando-a de, com o seu alheamento e desprezo, ter contribuído para o encerrar das portas da entidade algarvia. Alheamento, clara má vontade, dificultar, são algumas das expressões apontadas pelos res-

ponsáveis do andebol algarvio, para verberarem o procedimento dos responsáveis federativos. Pela nossa parte, apenas desejamos que se encontre o melhor caminho e a melhor solução, para que o andebol no Algarve não perca a excelente dinâmica que tem adquirido de há três anos a esta parte.

Esta subtilidade dos nossos governantes...

A subtilidade com que saem centos decretos-lei, quase em surdina, quase sem ninguém dar por eles, em contraste com as parangonas e acesas discussões de outros, é caso para dar que pensar.

Assim se passa com um decretozinho que, muito entre amigos, sem informar os órgãos de informação em geral ou em particular, como se queira, estabelece que «as publicações noticiosas diárias ou não diárias, de periodicidade inferior a 15 dias, que pretendam inserir matéria respeitante à campanha eleitoral, devem comunicá-lo à Comissão Nacional de Eleições, até ao dia 7 de Novembro de 1979. As publica-

ções que não façam a comunicação acima referida, só poderão publicar propaganda eleitoral que eventualmente lhes seja enviada pela C. N. E.»

Por um triz, também «A Voz de Loulé», caía na esparrela, se voz amiga não nos chama a atenção para o facto. A verdade é que, assim, quase à revelia muitos jornais deste País, não tiveram conhecimento da Lei, deixaram passar o prazo, e agora terão que se contentar com o que a Comissão Nacional de Eleições lhes quiser mandar. O que, em termos de informação ao público, em termos de esclarecimento, é muito pouco. Pouco, que sabe a dúvida.

Novos assinantes Uma família cada vez mais numerosa:

Ex.mos Senhores: José de Sousa Silvestre, *França*; Francisco Inácio Sousa Grade, *Açores*; D. Maria das Dores Valério Brito Alves, *Lisboa*; Manuel de Sousa, António Joaquim Mendes Pinguinha, *Venezuela*; Orlando do Nascimento Pereira, Fernando da Encarnação Santos, José Leal da Ponte e Restaurante Duas Sentinelas, *Quatro Estradas*; José dos Santos Centeno Passos, Jacinto Gualberto Martins, Alexandre Martins Correia, D. Maria de Fátima Salvador de Jesus Correia, José Guerreiro de Brito e Bento Rodrigues, *Loulé*; António Natário de Almeida, Ibérica Bakenes, Ltd., Augusto Cerqueira e António Ribeiro, *Canadá*; D. Lúcia Palma Vicente, *Salir*; Daniel Sousa Santos, U. S. A.; Arlindo Rosa Viegas, J. Faísca e J. Martins & Companhia Lda, *Quarteira*; D. Rosa Maria Gonçalves Luís, *Lisboa*; Sérgio Gonçalves Caetano, *Almançil*; Manuel de Assunção, *Faro*; Analídio Brito dos Santos, *Vale da Venda*; Mário Cândido Marta, Alberto J. Cavaco Domingos José de Brito da Marna, Agência Funerária Vitor, José Laginha Portela, Horácio Paulino Serafim, D. Evelina dos Santos, D. Maria Fernanda Neto Matos e José Joaquim Viegas Cristo, *Loulé*; Américo Costa Lopes, *Quarteira*; Casa de Santa Isabel, Roialtur — Hotelaria e Turismo, Lda., *Faro*; João de Sousa Balbina, *Alte*; Manuel J. Vaz, *Barreiro*; José Gonçalves Bento, *Quatro Es.*

tradas; D. Maria da Glória Ramos Cabral, *Porto*; Eng.ª D. Maria Antonieta Ramos e D. Maria da Piedade Ramos, *Lisboa*; Domingos Inácio da Costa, *Faro*; Tony Pencarinha, *Austrália*; Afonso Pereira, *Quarteira*; Jacinto Manuel de G. Brito, *Ameixial*; António Manuel Santos e D. Duarte, *Guerreiros* — Loures.

Para quê palavras? «A Voz de Loulé» tem cada vez mais amigos. Pela sua clara consciência, pelas suas análises concretas, pela defesa dos interesses da nossa Terra. De todos os lados surgem novos assinantes. Graças ao acolhimento que lhe foi reservado pelos leitores, o jornal continua a transpor todas as barreiras e a lutar pela construção de um Portugal novo, livre, pacífico, digno. Agora é necessário que mostres o jornal ao teu amigo, que divulgues as nossas opiniões, certamente que amanhã seremos muitos mais. «A Voz de Loulé» continua a ser respeitada, tem valor, vitalidade, a maioria dos seus colaboradores são jovens que pretendem um futuro melhor.

O nosso Orgulho e a nossa Humildade, a nossa Coragem e o nosso Patriotismo, constituem o reflexo de um jornal de grande dimensão, que vai granjeando a fama e o respeito de todos quantos nos leem. Para quê palavras? «A Voz de Loulé» já é... um grande jornal!

L. P.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO “direcção hoteleira”

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa
Av. António A. Aguiar, 21-1º 1000 LISBOA Telef. 55 51 85

Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve
Rua do Letes, 32 8000 FARO Telef. 2 20 83/4

Escola de Hotelaria e Turismo do Porto
Rua do Bonjardim, 648 4000 PORTO Telef. 2 61 77/8

PRAZO DE INSCRIÇÃO:
26 DE NOVEMBRO A 14 DE DEZEMBRO

INSTITUTO NACIONAL DE FORMAÇÃO TURÍSTICA

MOVIMENTO CRISTÃO PRÓ-VOTO

(Continuação da pág. 5)

utilizam os partidos que ideologicamente se opõem ao Cristianismo?

A. R. — Não tenho qualquer dúvida a esse respeito, porque os militantes desses partidos nunca se abstêm de votar.

R. R. — Votar como uma imposição do tipo «dever moral», não lhe parece forçar a liberdade de consciência de cada pessoa?

A. R. — É de facto um aspecto que tem sido focado em análise ao que os nossos Bispos têm dito. Votar como imposição, mesmo do tipo «dever moral», será forçar a liberdade de cada pessoa se não for acompanhado de um esclarecimento sério e lógico. Mas se o for, se se explicar ao cristão determinados aspectos ideológicos, nomeadamente que um cristão não pode ser marxista, ou que não pode apoiar um partido político que defenda a lei do aborto, então sim, definem-se parâmetros esclarecedores que permitem ao cristão votar conscientemente, e não forçado a votar SO por «dever moral».

R. R. — Na sua opinião a que se deve uma previsão sensível de abstencionismo?

A. R. — Não tenho dados concretos para responder a essa pergunta, mas penso que se deve à ignorância generalizada, ao comodismo, muito próprio do nosso povo, ou por se não encontrar o chamado «partido político ideal»; tal leva as pessoas muitas vezes a deixarem de votar, esquecendo-se essas pessoas

que ao não votarem poderão estar dando votos gratuitos a tendências políticas que negam Deus.

Tem de se orientar as pessoas mal esclarecidas de que não devem procurar o partido político «ideal», porque ele não existe, assim como não existe o «homem ideal» ou o «homem perfeito», porque só Deus é perfeito. Contentemo-nos em encontrar o «partido ou o homem» cuja linha ideológica menos se afaste do nosso ideal cristão. Mas repare, nós nesta Campanha queremos ir muito mais longe; não basta levar as pessoas a votarem conscientemente. Temos de as mobilizar, para levarem outras a também votarem conscientemente.

R. R. — Eu gostaria de lhe perguntar que tipo de pessoas integram esse grupo, que estamos mesmo a ver irão chamar de «defensores do grande capital», obscurantistas, reaccionários, enfim o costume?

A. R. — Tivemos a preocupação de reunir um grupo de pessoas que pela sua maneira de ser, testemunho de vida, pela sua isenção no aspecto de comprometimento político, estão dispostas de facto a tomar parte nesta Campanha Cristã, daí nós marcarmos bem este cariz de ser uma Campanha Cristã e não política. É evidente que estamos sujeitos a ataques de um lado e de outro e a que determina os partidos se queiram identificar connosco; já sentimos até isso mas conseguimos contornar esse problema, recusando qualquer aproximação. Portanto as pessoas que fazem parte desta Comissão Coordenadora, e que encabeçam este Movimento, são pessoas comprometi-

das com a Igreja laical, que estão prontas a dar o corpo ao manifesto para apoio de toda esta linha da Igreja. Não compete aos Bispos ganharem nem promoverem uma Campanha, portanto achamos que estamos a responder a uma chamada embora já tardiamente.

R. R. — Parece-me importante acentuar que vocês estão nesta Campanha porque cristãos, e não como cristãos a representar a Igreja. São um grupo de pessoas profundamente conscientes dos seus deveres cívicos. Agora diga-me, como vão organizar a nível nacional esta Campanha, com que apoios contam?

A. R. — Contamos com os principais movimentos apostólicos, Acção Católica, CPM, equipas de casais, cursinhos de cristandade Opus Dei, numa palavra, todos os movimentos que estejam dentro da nossa linha.

R. R. — Já tiveram alguma experiência anterior que vos permita ter uma previsão com êxito de pôr assim uns milhares de pessoas nas urnas?

A. R. — Concretamente em «reunir» cristãos, tivemos uma experiência curiosa o ano passado em Fátima, no dia 10 de Junho, em que, apesar de uma estruturação preparada a curto prazo, conseguimos reunir cerca de 300 000 pessoas: foi um testemunho extraordinário, e um marco muito importante na vida da nossa Igreja em Portugal.

R. R. — Este movimento destina-se à Campanha Eleitoral, ou tem ambições um bocadinho maiores?

A. R. — Iniciou-se há meses,

e pensamos continuá-lo, não posso dizer por quanto tempo, pois será feita por todos os cristãos, que serão promotores; pode durar seis meses, um ano ou dez anos; será um trabalho muito cuidado e a longo prazo para que os cristãos passem a ser devidamente esclarecidos.

R. R. — Prevê-se também que digam, (e eu agora faço de advogado do diabo), que isto é uma lavagem ao cérebro, é pressionar as pessoas, criar escrúpulos de consciência, dizer que é pecado não ir votar, etc., Está de acordo com estas críticas?

A. R. — Esta crítica até pode ser defensável, porque Lisboa, se ouvir uma comunicação de um prelado de Braga poderá não entender essa linguagem própria. A realidade é esta, nós corremos o risco gravíssimo de cairmos numa ideologia oposta ao cristianismo, camuflada. Daí a nossa preocupação cristã; claro que cada um de nós tem a sua opção política, é-nos indiferente votem onde votarem, mas votem como cristãos.

R. R. — E está de acordo com aquelas frases que alguns Bispos têm dito como «Entre votar e ir à missa, primeiro votar» e outras frases assim, que causam realmente impacto na opinião pública, e levantam os tais problemas de consciência?

A. R. — Evidentemente que são frases que têm um significado que não é para traduzir à letra. Um prelado quando diz isso, parte do princípio de que um cristão consciente encontra maneira de ir à missa e votar.

Quando um Bispo faz uma afirmação destas, tenta mostrar a importância que o voto tem

neste momento, que é absolutamente indispensável; só pessoas mal intencionadas é que especulam frases desta profundidade.

R. R. — Embora já tenha referido rapidamente isto, gostaria de aprofundar este tema, de que não devem ser os Bispos e a Igreja Hierárquica a empurrar as pessoas às urnas. Esta afirmação já é antiga, não só no nosso País mas em Países em que a Igreja teve uma importância extraordinária nos resultados das eleições, na medida em que pôs as pessoas nas urnas. Não disse que votassem no partido A ou B, mas nós sabemos que Pio XII inclusivamente levantou a clausura das freiras para elas poderem ir votar. O que acha disto?

A. R. — Penso que a atitude do Papa Pio XII foi um mal necessário; acho é lastimável que haja necessidade de se chegar a esta situação.

Tenho ouvido comunicados na Rádio Espanhola, em que se diz categoricamente que a Igreja está a apoiar a Aliança Democrática; isto é a meu ver negativo, porque não é essa a finalidade da Igreja Hierárquica, mas evidentemente corre esse risco; claro que os leigos têm que sentir que há uma linha orientadora, um apoio, uma vontade, uma consciência da Igreja Hierárquica. Penso que terão de ser os leigos mais responsáveis a agitar as consciências daqueles cristãos mais passivos.

E aqui terminamos senhores ouvintes esta conversa com o Dr. Alvaro Roquette, sobre a obrigação de todos irmos votar, cumprindo a nossa missão de cidadãos conscientes.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

— E a filha do governador?

O amigo nada lhe soube dizer da filha do governador. Contou-lhe que, tendo esperado com alguns camaradas a sua saída do castelo, tinham resolvido entrar à força, supondo que o teriam morto, e que o governador ousado acudira com as suas numerosas forças e rechaçaram a pequena força portuguesa. Nesse momento acudiram as forças do Mestre e de D. João de Aboim e os mouros tinham sido forçados a entregar o castelo, mediante uma avença com o Rei D. Afonso.

O oficial saiu da barraca e pediu ao amigo que o deixasse. Dirigiu-se à porta do castelo. Ao entrar pelo Arco da Senhora do Repouso viu ao lado esquerdo a cabeça de uma criança que se assomava por um buraco.

— O que fazes aí, menino? perguntou o oficial, conhecendo o irmão da sua namorada.

— Estamos aqui encantados; eu e minha irmã.

— Quem vos encantou?

— O nosso pai. Soube por um espia que levavas nos braços a minha irmã acompanhada por mim, e, invocando Allah, encantou-nos aqui no momento em que transpunhas a porta. Por atrainçarmos a santa causa do nosso Allah aqui ficaremos encantados.

— Por muito tempo?

— Enquanto o mundo for mundo.

O oficial, um valente, não pôde suster as lágrimas. Quis ainda perguntar à criança pela irmã mas a criança desaparecera.

Nunca mais ninguém viu o oficial rir. Terminado o cerco, pediu licença ao rei e recolheu-se a um convento, onde professou adoptando outro nome.

* *

Nem todos os mouros aceitaram de boa vontade a avença feita entre o rei D. Afonso e o governador do castelo: uns, intransigentes em matéria de religião, auxiliados pelos que se achavam possuídos do ódio de raça, largaram o castelo e foram reforçar os defensores dos castelos de Loulé e de Albufeira; outros fingiram transigir, enquanto não conseguiram meios de se transportar para Marrocos; outros ainda ficaram em Faro, não por amor da avença, mas porque ali tinham as suas propriedades e todos os seus gados. Os que foram reforçar os dois castelos, esperanças num melhor futuro, dependente dos auxílios que esperavam do Mira-

molim de Marrocos, encantaram as suas famílias em Faro, esperando a monção do seu desencantamento.

Além do mourinho que por muitos séculos tem continuado a aparecer no Arco do Castelo da Senhora do Repouso, e da moura, sua irmã, muitos outros mouros têm aparecido noutros lugares.

No baluarte chamado a Mesa dos Mouros, ao sair da porta falsa do castelo, têm sido vistos à meia noite esses seres desditos, que, ao mesmo tempo que inspiram compaixão aos mais dolidos, causam medo aos mais fracos e supersticiosos.

Em uma casa da Rua da Parreira aparecem à meia noite, que é sempre a hora fatal, mouros encantados, que têm dado que fazer aos vizinhos e moradores da mesma rua.

Em St.º António do Alto têm sido vistos mouros e mouras, também encantados, como mais adiante terei ocasião de referir.

Em certa ocasião de uma bonita manhã de primavera, há já muitos anos, dirigia-se uma pobre lavadeira com a sua trouxa de roupa para o lavadouro, viu duas esteiras de belos figos de comadre expostos ao sol, porque em Faro e em todas as mais terras do Algarve é isso muito vulgar, mas estranhou realmente vê-los ali em época que não era a própria. Cobiçou-se dos belos figos e tirou da esteira alguns que meteu num bolso, sob o vestido, por cima do saiote, a que o povo deu o nome de patrona.

Concluída a lavagem da roupa, voltou a lavadeira para sua casa e não mais se lembrou dos figos durante o dia. Ao deitar-se lembrou-se dos figos, e tirou-os da patrona. Ficou então profundamente surpreendida: em vez dos belos figos encontrou-se com ricos dobrões em ouro. Não dormiu durante toda a noite, pensando que ali andava o poder oculto da moura encantada. Logo que amanheceu, ergueu-se da cama e resolveu ir ao lugar onde vira as esteiras com os figos. Já os não viu. Daí em diante, a todas as horas do dia e da noite, ali ia na esperança de encontrar os apetecidos dobrões e nunca mais se repetiu o feliz encontro.

Em outra ocasião certo marítimo, morador em uma das ruas de Faro, ergueu-se da cama muito cedo, para entrar numa barca, que estava no rio junto da velha porta, embora hoje conhecida pela Porta Nova, ao lado do Seminário. Teve de passar ao Arco da Senhora do Repouso. No momento em que caminhava em frente da capela da Senhora viu ele um rapazito, vestido à moura e com um gorro encarnado na cabeça.

Como um caminho de Loulé chega ao Palácio de S. Bento

(continuação da pág. 1)

ma negada, pela Câmara Municipal de Loulé.

Ora, diz o jornal «O Diário», que a Câmara indeferiu o requerimento de construção, com base no Decreto-Lei 166/70, que não permite a construção de casas em determinados terrenos de óptima qualidade. Isto é falso porque na resposta aos dois Deputados, por parte da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, pode ler-se o seguinte:

«A Câmara Municipal de Loulé em virtude de a capacidade de uso do solo da propriedade do Senhor Manuel Coelho Mendes, sita na freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, ser da classe De, solos Vt+Et, por conseguinte Não Defendido, não pediu a esta Direcção Regional de Agricultura do Algarve o parecer sobre a mesma, conforme estipulava o Decreto-Lei 356/75, em vigor na altura.

Mais se informa, que atendendo à classe de capacidade de uso do solo da citada propriedade, e de acordo com o novo Decreto-Lei 308/79, não vê esta Direcção Regional de Agricultura, qualquer inconveniente na construção de uma moradia na propriedade para habitação do proprietário, que poderá facilitar o apoio à exploração agrícola».

Quantas Câmaras neste País terão usado a Lei 166/70, como vingança aos não afilhados, aos não compadres ou partidários? O mesmo jornal «O Diário», aliás descreve a vingança da C. M. de Loulé, contando a história segundo a conveniência de uma esquerda vingadora, mas sempre hábil.

Em boa verdade, a necessidade e aspiração por esta estrada de penetração, vem de longa data, já em 1976, antes das Eleições, a mesma foi prometida como uma realidade. Foi dito ao eleitorado que estava dada de empreitada e meses depois, que estavam oito mil contos na Caixa Geral de Depósitos à ordem da Câmara, à espera que o «teimoso» cedesse.

Decorrido pouco tempo, é o Presidente da Junta de Quarteira que contacta o sr. Mendes. Este concorda em ceder e marca uma reunião com o Presidente da Câmara e toda a Vereação. Esta reunião ficou marcada para se realizar na sede da Junta da Freguesia. Mas, por incrível que pareça, aconteceu que o sr. Presidente da Câmara de Loulé e mais três vereadores, não compareceram. De nada serviu a presença dos restantes três vereadores, presidente da Junta e sr. Mendes.

Começou então a pairar, na mente das gentes de Quarteira uma opinião: a de que a Câmara não estava interessada na estrada de penetração. Aventou-se mesmo, que os oito mil contos teriam sido gastos na pavimentação de quatro ruas, para calar o eleitorado P.S.

Numa sessão da Assembleia Municipal, foi dito pelo sr. Presidente da Câmara que tudo estava em andamento para a expropriação. Tempos depois, o mesmo senhor respondeu à mesma Assembleia, que ia tratar-se da expropriação. Hoje, passados quase três anos, para provar a verdade, exige-se que a Câmara mostre em público, as fotocópias do contrato de empreitada com a Firma A. B. Correia,

documento comprovativo dos oito mil contos depositados na Caixa, e bem assim o documento entrado no Tribunal, requerendo a expropriação do terreno para construção da estrada. Se tal não fizer somos levados a admitir, que a Câmara nunca esteve interessada na sua construção, da já célebre estrada de penetração e que apenas pretende limpar-se com um teimoso inexistente, «teimoso» que sempre esteve e está, na disposição de ceder em benefício da sua terra.

Temos mais matéria referente a isto, mas, aguardamos outra ocasião não eleitoral.

Um Quarteirense

O 2 DE DEZEMBRO, «INÍCIO DO FIM»

(continuação da pág. 1)
tes, demagógicas, sectárias, utópicas; enfim, utilizando processos de manipulação de votos, por vezes nada condizentes com as normas e regras democráticas a que se deveriam submeter e reger eticamente. Deste modo dão ao eleitor menos incauto, mais observador, inteligente e consciente, uma imagem do que poderão significar os projectos sob promessas, que se propõem, como ambição futura partidária.

Dentre as forças partidárias as menos agressivas, mas mais competitivas, coerentes, correctas, que pela actuação na propaganda, se distinguem e distanciam, tanto na alocação, como nos comportamentos e atitudes livremente expressas, são as da Aliança Eleitoral Democrática (AD) facto indubitavelmente comprovado, perante as manifestações e comi-

cios realizados, assim como pela propaganda exposta ao público, não ofertando como o PS, a APU e outros partidos, de somenos importância, um teor tipo insultuoso, demagógico, agressivo, primário, relevantes e apropriados às doutrinas, que professam e aos fins que se propõem.

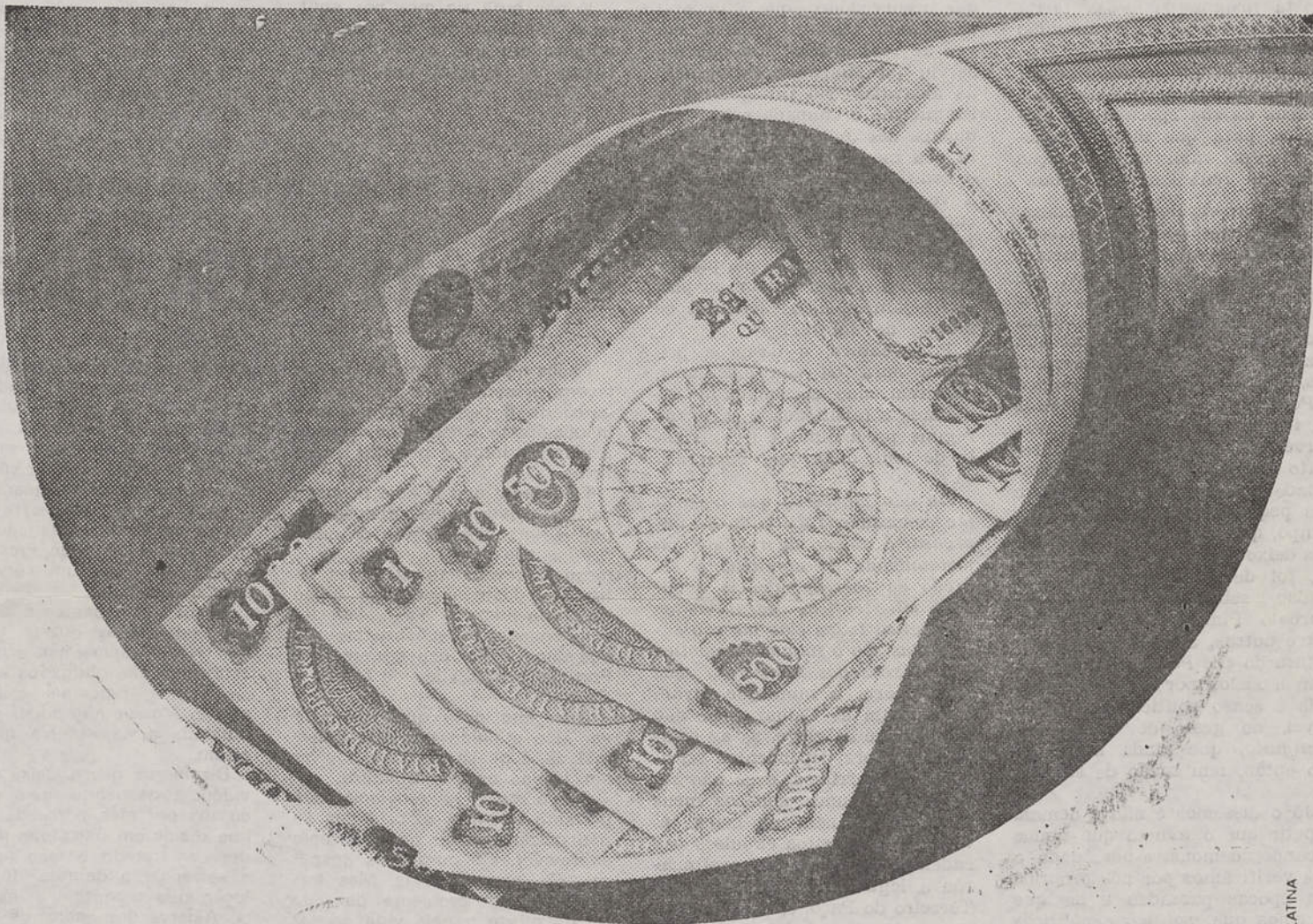
A A. D. despretensiosa, quanto a promessas de vir a «dar o que não pode», sem miragens utópicas mas sim, entrando conscientemente no campo das possibilidades reais, de acordo com o estado e a situação do «País Real», elaborou inteligente e coerentemente um ambicioso projecto, que por viável, e não utopicamente imaginável, à maneira doutros partidos ou coligações políticas, serena, e sem alaridos turbulentos nem promessas falaciosas, se compromete honestamente executar, com a plena e

voluntária participação da Sociedade a que se dirige, está a ter um impacto e aderência do «Povo», pelo que não será despropósito já hoje, afirmar, que irá aglutinar à sua sombra regeneradora a maioria do eleitorado, às eleições legislativas no dia 2 de Dezembro, marcando historicamente este futuro acto, como o «início do fim».

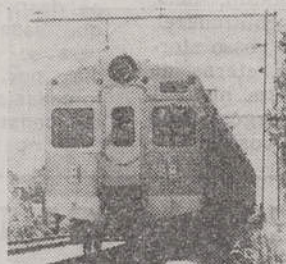
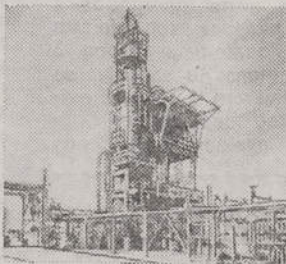
Filipe Viegas

VENDEM-SE

Apartamentos de 3 assoalhadas em Faro, bem situados. Trata Manuel Bota Filipe Viegas, Telef. 94115 — Vale d'Éguas — Almancil — 8100 LOULÉ.



O MELHOR JURO É O QUE SE VÊ POR INTEIRO OBRIGAÇÕES DO TESOIRO FIP 79



21% livres de impostos

As Obrigações do Tesouro rendem actualmente 21%, com total isenção de impostos. É lucro líquido. Um bom investimento.

As Obrigações do Tesouro dão-lhe juros iguais à taxa de desconto do Banco de Portugal mais 3%. E nunca inferiores a 15%.



As Obrigações do Tesouro são títulos do próprio Estado. Têm a garantia máxima de rendimento em segurança. Dirija-se a qualquer Instituição de Crédito e faça a sua subscrição de Obrigações do Tesouro. O melhor investimento é o que tem rendimento garantido.

**OBRIGAÇÕES
DO TESOIRO FIP 79**
o investimento mais seguro

Trespassa-se

Bar - Restaurante, próximo das Duas Sentinelas, estrada de Quarteira. Informa Roche-ta, Telef. 63123 — LOULÉ.

PARA OS QUE TÊM OUVIDOS E NÃO OUVEM PARA OS QUE TÊM OLHOS E NÃO VÊEM

(IV)

Em nossa última crónica, tratando como vimos fazendo, de levar ao conhecimento geral, e aos louletanos em especial, do folheto deixado aos vindouros pelo Dr. Marçal Pacheco, o valeroso algarvio que a parca ceifou aos 49 anos de idade, e que portanto os novos louletanos, só imperfeitamente podem conhecer e possivelmente só por tradição, tendo falecido portanto em plena maturação das suas claras ideias políticas, sociais, intelectuais, culturais e humanas: folheto em que dissecou com absoluta clarividência a política e os políticos do seu tempo, dissemos então que a essa política tinha Bordalo Pinheiro, caricaturista insigne da nossa terra, classificado de «Porca» tal como o deixou gravado no animal de raça porcina que modelou de raço bem retorcido dedicado aos homens da sua época e aos vindouros, para que melhor meditassem, do valor da afirmação ainda que feita em tom facetado.

Ora Rafael Bordalo Pinheiro de seu nome completo, nasceu em 1846, um ano antes, portanto, do Dr. Marçal Pacheco, que veio ao mundo em 1847, vivendo pois precisamente na mesma época que bem disseco, por sua vez nos seus jornais humorísticos, desde a *Lanterna Mágica* à *Paródia*, passando pelo *Ponto do i*, e outros, em que a sua verve se comprazia dando o retrato risonho e de rara profundidade humana dos costumes, e dos pequenos e grandes do seu tempo, que, como se vê pelo que nos deixou escrito Marçal Pacheco, foi de uma lamentável podridão, sobretudo política. De Bordalo Pinheiro temos ainda, entre outras, a inapagável caricatura do «Zé Povinho» que também modelou por suas mãos hábeis e senso político inultrapassável, no gesto de fazer um *manguito*, que ainda hoje, como então, tem razão de ser feito.

Já o dissemos e não é demais repetir que o folheto que vimos focando, demonstra-nos, dado o que verificámos por nós próprios em épocas passadas e na que vivemos que, *política e políticos são em todos os tempos os mesmos, prometendo muito e dando pouco, mas prometendo sempre na boa fé de que sendo a política, como se sabe, a arte de governar os Povos é portanto por sua vez, a arte de enganar, prometendo com sorrisos e palavras, doces até, aquilo que sabem não ter possibilidades de dar. Está pois bem o lembrar aqui aquele rifão de que, «com papas e bolos é que se enganam os tolos».*

Posto isto é, tempo de passarmos a transcrever o que nos diz o folheto do Dr. Marçal Pacheco:

«FALA O VELHO PORTUGAL»

«Direi primeiro aos que protestam, que a luta é inútil, e que a morte é glória. Lutar por quê? Morrer por quem? Lutar pela Liberdade e morrer pela carta?! Mas não lutei eu em cem combates heróicos pela vitória da Liberdade, e não morreram os melhores dos meus filhos em defesa da carta? E que fizestes vós da Liberdade e como cumpristes vós a carta? De que me serviram as fadigas, os sacrifícios e as dedicações de tantos anos consumidos nos duros lances de uma luta fratricida, e que terra de promissão fruteou aí com o sangue borbado do meu corpo? Que importa à minha fazenda que o sorvedouro, que a devora, se chame tesouro público em vez de real erário? De que me serviu que Mouzinho extinguisse as alcavalas dos fidalgos, se o sangue me é chupado pelos Sindicatos dos Judeus? Que importa aos meus foros políticos que o arbitrio, que os reprime, seja a vontade dos ministros, ou os caprichos de um rei absoluto? E que mais se ofende, o meu brio e o meu orgulho porque seja um rei o meu senhor ou porque sejam os meus senhores os lacaios de um rei?»

Por ventura, e desde a primeira hora da sua existência, não tem sido sofismada a Liberdade e falsificada a carta, no regime predominante e constante de uma oligarquia burocrática?

De que me serve que a carta me conceda a Liberdade de imprensa, o direito de reunião, inviolabilidade de domicílio o segredo da correspondência e outras mil teóricas garantias se na prática todas elas me são suprimidas sob o impulso despótico das paixões dos Ministros? Que me importa a mim que vivam ou morram as Câmaras, se não sou eu que as eleger, se as compõem sempre dependentes servidores de corrilhos, e se não representam nunca nem os meus sentimentos, nem os meus interesses? Os eleitos expulsos das cadeiras de S. Bento, continuarão a legislar nos gabinetes do Terreiro do Paço, e, dum ou doutro modo, a sua obra será sempre a mesma; obra inepta de incapazes, obra desalmada de egoístas.

Não, falsos profetas, não! Vós não pregais o verbo do meu libertamento, e não é para melhorar a minha sorte que vindes implorar o meu auxílio. Do que vós precisais é da força dos meus braços e da energia da minha alma para derrubar do poder os rivais que vos afrontam, mas, derrubados eles, eu continuarei, como sempre, a ser o vosso eterno escravo, a vítima eterna do vosso ludíbrio. A vossa história conheço-a eu em largos anos de sofrimento, e os vossos no-

mes, sei-o bem, não desdizem da vossa história. Que penhor de vida nova, que segurança me ofereceis de não serdes amanhã os mesmos que ontem fostes?

Não acudirei ao vosso apelo, que é hipócrita, e não me seduzirão as vossas promessas, que são mentidas. Quero antes ficar entregue à minha dor, roído pelos abutres do destino, condenado pela maldição dos governos».

Tudo quanto nos ensina o «Velho Portugal» pela pena de Marçal Pacheco é por demais elucidativo e um ensinamento profundo dos velhos tempos — que no seu tempo possuía homens de elite — a dar aos novos a ideia plena do que é o presente, dado que a história repete-se.

E por hoje ficamos por aqui, para continuarmos no próximo número em que o «Velho Portugal» se dirigirá aos homens do Poder.

M. J. Vaz

Um apelo aos responsáveis pelos serviços médicos

Pessoas «sem rins» no Algarve

Chega-nos a informação de que vivem, presentemente no Algarve, cerca de 6 pessoas com graves insuficiências renais e cujo apego à vida os força a pesados sacrifícios.

Felizmente que já hoje é possível sobreviver numa situação em que o rim quase deixou de cumprir a sua missão, desde que, mesmo gravemente atingidas as funções deste importante órgão do corpo humano, e as sejam desempenhadas e substituídas por aparelhos já em uso corrente em Portugal nas cidades de Lisboa e Coimbra.

Quer isto dizer que, quem tiver sido atingido por esta enfermidade, é quase obrigado a viver em Lisboa ou em Coimbra.

Quem residir na província, terá portanto enormes dificuldades se não quiser desistir de lutar para sobreviver, até porque as despesas são elevadíssimas. Mas trata-se de um problema de vida ou de morte e pela vida se faz tudo o que for humanamente possível. Daí a razão porque a Caixa de Previdência suporta os encargos com as elevadas despesas que implica o tratamento e que se sujeitam as pessoas vivendo nas condições atrás citadas.

No caso do Algarve, estes doentes custam à Caixa de Previdência qualquer coisa como 400 contos mensais, sem contar com as despesas e os incómodos a que essas pessoas se sujeitam para se deslocarem a Lisboa 3 dias por semana ou sentirem-se forçadas a viverem lá só para evitar constantes deslocações.

O nosso assinante que nos

Comício da Aliança Democrática em Loulé foi um êxito retumbante

(Continuação da pág. 1)

casa cheia, por todas as Freguesias.

O comício de Loulé, foi o auge da campanha, conseguindo aqui o que muitos reputavam de impossível: vencer o comodismo, ultrapassar a telenovela, arrancar as pessoas às pantufas de casa, e trazê-las para ouvir as verdades, cruas e nuas sem remissão. Cabrita Neto, o primeiro orador da noite, empolgou a assistência, com um improviso fantástico, onde não foram poupadas críticas à actuação das câmaras socialistas do Algarve, que o sanearam politicamente da CRTA, a colocaram o turismo algarvio a ferro e fogo. Andrade de Sousa, o presidente socialista da Câmara de Loulé, presente numa friza do

Cine-Teatro, escorregava pela cadeira, até que acabou por sair do edifício. Luís Filipe Madeira, outro dos visados pelas críticas de Cabrita Neto, que, realçou o facto de aquele conhecido político, ter sido um padrao, e mau, para o Algarve, enquanto andou pelas cadeiras de S. Bento como secretário de Estado do Turismo. Falaram ainda a D. Odete Guerreiro, presidente da Comissão Concelhia de Loulé, do PSD, Cristóvão Norte, António de Noronha, e José Vitorino, que encerrou em beleza a sessão, que decorreu em ambiente de franca euforia, uma euforia que não deixa dúvidas quanto à vitória da Aliança Democrática nas eleições de 2 de Dezembro.

Um louletano optimista

voz na Assembleia da República para verberar asperamente iniciativas privadas que instalaram recentemente em Coimbra um Centro de Diálise, conforme há alguns meses largamente a imprensa noticiou, e não tenha, conforme geria de esperar, oriado as condições para instalação rápida e imediata de Serviços Oficiais. É efectivamente um assunto muito sério para que sobre ele se façam discursos (e deles retirar dividendos políticos) quando se é incapaz de passar das palavras aos actos.

Os Centros de Diálise já estão a funcionar e a tentar cumprir a sua missão, de algum modo suprimindo uma tão grave lacuna das estruturas hospitalares oficiais, enquanto que as palavras do sr. ex-ministro, essas levou-as o vento... se é que não foram gravadas!

Será denegando obras válidas (e já tão úteis à população) que se pretende fazer acreditar na eficácia dum Serviço Nacional de Saúde, que mais não seria que um alargamento da ineficácia das Caixas?

«A VOZ DE LOULÉ»

faz anos

no «Dia da Independência Nacional»

(Continuação da pág. 1)

meros os que apreciam a nossa orientação está bem patente no entusiasmo com que cresce o número dos nossos assinantes (de que hoje podemos publicar mais uma longa lista).

É exactamente porque é graças à dedicação dos nossos assinantes (conhecemos largas centenas que o são desde o 1.º número) que este jornal se tem mantido ao longo de 27 anos, é que não podemos deixar passar um novo 1.º de Dezembro sem lhes dedicar uma saudação amiga como testemunho dos nossos agradecimentos sinceros, ao mesmo tempo que formulamos votos porque nos possam acompanhar por longos anos ainda neste duro combate de lutar pelo progresso da nossa querida terra, e que o mesmo é dizer por um Portugal mais próspero, feliz e LIVRE.

Prosseguiremos... com a ajuda dos que quiserem ajudar-nos.

O Director

CUIDADO, LUÍS PEREIRA! CUIDADO!...

Numa atitude corajosa, independente e democrática, no bom sentido de zelar pelos interesses concelhios, teve Luís Pereira a ousadia de convidar veladamente o sr. Presidente a não se candidatar.

Sinceramente Luís! Admiro a sua incomparável coragem, no combate à corrupção burocrática, ainda latente no nosso Concelho. Admiro-o, porque também isso representa um claro e Democrático aperfeiçoamento jornalístico.

Por isso mesmo lhe venho manifestar a minha solidariedade. Contudo, e tendo em conta a tradicional pecha dos nossos dirigentes, em não aceitarem reparos, nem críticas ainda que construtivas. De não aceitarem a derrota, numa demonstração clara do

apego aos grudados cadeirões do Presidencialismo vitalício. Numa atitude ditatorial copiada ou herdada de uma Ditadura de meio século, onde sempre prevaleceu o espírito da vingança!

LUÍS! Receio o seu futuro. É certo que os seus vinte e poucos anos, com um longo futuro na sua frente, poderão, com geitinho, permitir-lhe uma colagem ao comboio dos afortunados, dos compadres e dos padrinhos, mas mesmo assim tenha cuidado.

Assim Luís, o seu presente afigura-se-me muito duvidoso. Sabe que, entre nós, há uma certa tendência declarada, para calar os mais rebeldes, destruir os mais Democráticos e sufocar os mais dinâmicos. Truques de um primitivismo muito nosso, cujo sentido

é esconder as mazelas e defeitos, para que não surja ninguém melhor do que nós.

Diz o Povo e tem razão; atrás de mim virá, quem bom me chamará! Há várias maneiras de atingir essa almejada meta, mas as mais importantes e usadas aliás, são o favoritismo e os escolhos no caminho do adversário substituído. Não se pretenda com isto admitir, que de momento alguém pense que o LUÍS PEREIRA está candidato ao mais alto cargo do nosso Concelho, mas, o que nos parece, é que Luís Pereira, nesta altura, nem sequer como varredor do lixo seria aceite... mesmo que houvesse 5 vagas!

Daí Luís, a nossa preocupação, o nosso receio pelo seu futuro.

M. Faria